

# **Por uma Vida sem HIV**

## **CONTRACONDUTA DA AIDS**

Desde o surgimento, ou melhor, desde a produção de um discurso através do qual se pôde materializar um certo número de efeitos subjetivantes de ordem tanto simbólica quanto econômica, assistimos anestesiadxs e amordaçadxs a um bombardeio unilateral de “fatos”, narrados por sujeitxs “inquestionavelmente idônexs” do ponto de vista da construção do saber. da construção do saber.

Somos inegavelmente atravessadxs por esses efeitos e técnicas de efetivação de sentido que nos informaram sobre quem somos, sobre como funcionam nossos corpos, qual a melhor forma de utilizá-los e, portanto, colonizando de cima para baixo toda nossa forma de enxergar a

realidade.helvetica;

Essas narrativas científicas são produzidas no interior de um aparato científico-corporativo que engendra o saber ao mesmo tempo que o põe a funcionar para a manutenção de sua própria estrutura material-simbólica. Fomos pegxs de surpresa, por assim dizer, numa época sem internet, época em que os aparelhos midiáticos implacavelmente ditavam a realidade para uma massa tanto ou mais limitada que a de hoje.

Em todo caso, ainda que houvesse uma maior difusão de informação, não existia um corpo resistente a esse efeito virulento e implacável, não tínhamos produzido um anticorpo médico que combatesse a invasão de nossas subjetividades. E apenas recentemente temos assistido aos estudos sociais das ciências, que é de onde partimos em grande parte e, igualmente, da Teoria queer, que nos possibilitou o questionamento profundo dessa identidade-vírus materializada no monstro bicéfalo HIV-Homossexual. Estaríamos, então, nessa

encruzilhada da teoria queer ou para utilizarmos o termo de Jota Mombaça, Teoria Kuir, (já desde uma sudakalândia virótica) e os estudos sociais da ciência, que acabaram por estremecer e ruir a distância entre sujeito e objeto. Não mais o olho destacado da ciência, mas um amontoado de processos de mediação que calaram a voz da natureza. Tudo é dito a partir de um constructo semiótico-técnico, se quisermos seguir Donna Haraway.



Esse anticorpo médico, de quê se trata? De uma crescente corrente médico-dissidente que questiona o estatuto da instituição AIDS, a saber, o vírus HIV. Essa instituição (pois depreende um saber e uma linguagem própria), produziu em seu entorno um complexo político-econômico que lucra trilhões através da localização compulsória dxs sujeitxs, em

especial xs dissidentes do regime heterocapitalista. Mecanismo duplamente insidioso, pois controla e faz viver o corpo social ao mesmo tempo em que gera essa mais valia da carne humana.

Erigimos sob a égide do HIV um movimento político, um complexo identitário que movimenta trilhões em nome do Monstro Frio, uma sigla que coordena, organiza e classifica as ações políticas, normaliza e enquadra os comportamentos dentro do que é aceitável, e, principalmente, mantém ligado ao imaginário cultural a figura da peste e da culpa.

Essa versão tida como transparente e imaculada, eliminou do palco das encenações xs sujeitxs que apontaram as contradições desse estatuto, foram encerradxs nas jaulas das teóricas da conspiração, a solidão perfeita para quem ousa insurgir contra o poder médico. Contudo, ao analisar as críticas lançadas às corporações e governos que se valem do HIV, descobrimos que nem mesmo os ditos “descobridores” se sustentam em seus argumentos, e a pretensão empírica e científica termina se esvaindo em pura arbitrariedade fascista. As provas ditas

materiais são um atestado contra postulados básicos da biologia, como por exemplo a definição de isolamento e purificação de partículas virais. Jamais se isolou quanto menos purificou um vírus chamado HIV, e o que nos é apresentado como animação e computação gráfica é a mais alta forma de ficção científica. Essa minha cabeça só existe porque acreditaram piamente nesse modelo de representação, algo inteiramente encenado e sem validação empírica.

- O que desde já podemos dizer é que a Aids é um agrupamento de sintomas antes associados a outras doenças, um quadro clínico original, de forma alguma uma doença nova.

- Os sintomas que criaram e delimitaram a doença eram efeitos de práticas muito específicas, ligadas ao uso de substâncias psicoativas recreativas. Sem deixar de reconhecer que pode haver uma margem para interpretações policiaiscas a esse respeito, é necessário que se reconheça que doenças como Sarcoma de Kaposi (famosa por dar o nome de Câncer Gay àquele momento) estavam associadas ao uso de poppers, o que permite um

descolamento imediato de um vírus causado

- O AZT é uma droga quimioterápica altamente destrutiva de células saudáveis, de forma alguma um tratamento contra infecções por vírus. Podemos imaginar o efeito nocivo de tal substância em organismos sãos, submetidos a uma intensa utilização da mesma, quanto mais a organismos imunodeprimidos. A prescrição de quimioterapia progressiva é apenas uma forma de tanatotecnologia, é um genocídio puro e simples, quanto mais se considerarmos que sequer possa ser um vírus o responsável por certos quadros sintomatológicos.

- HIV nada mais é do que um tipo de formação discursiva que resgata o mesmo agrupamento de enunciados à respeito dos retrovírus ligados a alguns tipos de câncer, um momento de fracasso tanto epistemológico quanto econômico da indústria do câncer.

- Como já dito anteriormente, as provas apresentadas como mecanismos comprovadores da existência do vírus são arbitrariedades "científicas" e formas grotescas de caracterização empírica, passando por cima de postulados básicos e essenciais da biologia e microbiologia.

- Os testes que possibilitam a localização dxs sujeitxs, de formas cada vez mais traiçoeiras e compulsórias são um verdadeiro engodo científico, aberrações médicas que devem ser questionadas no mais profundo de sua fundamentação, a saber, a detecção de um anticorpo que não passa de uma proteína isolada encontrada abundantemente no corpo humano e de forma alguma uma cadeia proteica específica que pode ser associada a um vírus.

Esse manifesto é, portanto, uma resistência aos discursos do Poder Médico que nos aprisionam e vigiam, desde nossas identidades e de como fazemos sexo às nossas imaginações políticas, amarradas por um vírus muito mais imaginário que concreto. Libertemos nossos corpos desse poder burocrata e fascista e retomemos a relação menos excludente e mais coletiva, pautada no apoio mútuo e na autogestão dos corpos bem como na socialização de saberes que libertem nossas subjetividades do jugo do controle médico.

# **CONTRA CONDUTAS DA AIDS**

Fazendo uso de uma escrita esquizofrênica, nos posicionamos ficticiamente como agência perturbadora/perpetuadora de um saber não legitimado pelo setor hegemônico da ciência médica, provocando as pessoas a questionar e rivalizar as correntes políticas, econômicas, médicas e midiáticas que, debaixo do nosso nariz, instalaram umas das mais eficientes tecnologias de manipulação experiência humana já inventada: a AIDS, ou como preferimos chamá-la: o panóptico do biopoder (biopanóptico).